

A AULA COMO ESPAÇO PARA O IMPROVISO E EXPERIMENTAÇÃO

Patricia Antiqueira Vaz¹; Cecília Oliveira Boanova³

¹PPGEDU - Programa de Pós-graduação em Educação do Instituto Federal de Ciências e Tecnologias Sul-rio-grandense - patyprofteatro@gmail.com

³PPGEDU- Programa de Pós-graduação em Educação do Instituto Federal de Ciências e Tecnologias Sul-rio-grandense - ceciliaboanova@ifsul.edu.br

INTRODUÇÃO

O presente trabalho fundamenta-se na experiência pedagógica de uma professora de teatro que adota o improviso como estratégia metodológica central. Suas aulas se constituem como espaços abertos à emergência de desejos, afetos e experimentações, em que os acontecimentos se tornam elementos propulsores do processo criativo. Nesse contexto, Costa (2010) conceitua o improviso como a possibilidade de deslocar-se sem um destino previamente definido, de modo que cada passo carregue em si a potência do inesperado, promovendo rupturas e novas possibilidades de sentido no percurso artístico e educativo.

O improviso não é desordem nem ausência de direção, é criação em ato, expressão que escapa à organização previsível. Improvisar é abrir espaço para que o inesperado aconteça, para que o pensamento se faça junto com o corpo e com o tempo. Quando um aluno improvisa, ele experimenta, compõe com o que sente, com o que viu, com o que pulsa no instante. Costa (2010) aponta ainda que improvisar é lançar-se ao devir, assumindo a possibilidade de se perder para, justamente nesse movimento, inventar novas formas de existir.

A improvisação se torna um campo de forças, onde o erro não é falha, mas abre uma oportunidade para criar outros modos de expressão e sentido. Segundo De Araujo (2020) sugere que tanto a aula, a pesquisa e a vida são um acontecimento e compartilham um mesmo modo de funcionamento, em que cada encontro abre possibilidades sempre atravessadas por algo que está em vias de acontecer, dissolvendo certezas e instaurando novos encontros.

A aula acontece com e a partir do que se manifesta ali: os gestos, os silêncios, os tropeços e as invenções. Cada improviso dobra o tempo da aula e

rompe sua linearidade, permitindo que o presente se converta em potência, não aquilo que já se sabe, mas o que ainda pode vir a ser. Nesse sentido, Bondía (2002) destaca que o aprendizado não se limita à transmissão de conteúdos, mas se constitui como experiência, marcada por acontecimentos singulares. Para o autor, o “saber da experiência” envolve uma dimensão ética e existencial, que ultrapassa os objetivos da aula e abre espaço para a invenção e a criação no processo educativo.

Portanto, o imprevisto nesse sentido, é resistir à forma prévia, é afirmar a diferença como força criadora, é produzir um pensamento que não parte de modelos, mas de afecções, devires e encontros. Assim é no espaço da aula onde o controle cede lugar à intensidade que o imprevisto, a experimentação e o pensamento se encontram como práticas vitalistas.

2. METODOLOGIA

O trabalho, em andamento, é realizado em ambiente escolar, com aulas estruturadas a partir de matérias de experimentação que se afastam de metodologias tradicionais de ensino.

Em um dos experimentos, utilizou-se uma caixa que continha diversos adereços e objetos previamente selecionados pela professora. A proposta consistia em que cada aluno, ao retirar um desses elementos, realizasse uma improvisação. Cada improvisação que emerge do encontro com um objeto é única, pois não obedece a uma lógica representacional, do tipo “isso significa aquilo”, mas a uma lógica de criação: “o que posso fazer com isso que apareceu?”. Assim, a caixa não guarda apenas coisas, mas conserva possibilidades, forças latentes que se atualizam de maneira singular em cada corpo e pensamento.

Em outro momento, cada aluno foi convidado a trazer sua própria caixa, com materiais e objetos de sua escolha. Esse objeto não se configurou como um simples recipiente de lembranças ou pertences pessoais, mas como um território de experimentação. A proposta do exercício, portanto, afastou-se das perspectivas identitárias do que o objeto representava para cada aluno, abrindo espaço para que o objeto pudesse vir a ser.

Em outra prática, partiu-se do exercício de olhar através da janela, onde os alunos foram convidados a contemplar o que se passava fora da sala de aula e, a

partir disso, traduzir textualmente, improvisar e poetizar. Cada olhar realizava uma captura sensível, revelando que, na experiência do cotidiano, nada é fixo e dois corpos diferentes não podem ser afetados da mesma maneira.

A fundamentação se apoia na filosofia da diferença, particularmente em Deleuze e Guattari (1995), ao propor uma prática pedagógica não linear e aberta à multiplicidade. Isso significa que os procedimentos não seguiram uma lógica hierárquica de transmissão de conhecimento, mas se constituíram como campos de experimentação, em que a aula se tornou acontecimento e não simples reprodução de conteúdo. Em consonância, Bondía (2002) sustenta que a experiência educativa só se efetiva quando o sujeito é afetado de modo singular, produzindo transformações em sua forma de sentir e pensar e não apenas quando recebe informações.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados não são apresentados como verdades fixas, mas como efeitos de um processo que se inscreve na experiência dos participantes. As experimentações realizadas com a caixa proposta pela professora evidenciaram um movimento de criação que ultrapassa a lógica da representação. Ao retirar um objeto do interior da caixa, cada aluno foi instigado a improvisar, ativando processos singulares de invenção.

Quando a proposta se deslocou para que cada aluno trouxesse a sua própria caixa, as perspectivas foram diferentes, envolvendo igualmente processo de criação. O ato de escolher e trazer objetos pessoais não foi interpretado como expressão de uma identidade fixa, mas como campo de experimentação, no qual cada caixa se tornou um território de conexões possíveis. Já a prática de observação pela janela, revelaram que o gesto de contemplar pela janela tornou-se um potente exercício de criação quando deslocado de sua função habitual. Ao transformar o ato de observar em experiência estética, os alunos foram instigados a produzir escritas, improvisações e gestos poéticos que ultrapassaram a descrição objetiva da realidade. Nesse processo, a janela rompeu com a lógica da sala de aula como espaço fechado, abrindo passagens para outros modos de ver e sentir o cotidiano.

Assim, os resultados apontam para uma prática docente capaz de acolher o imprevisível e valorizar a criação como experiência de pensamento.

4. CONCLUSÕES

Concluiu-se que tanto a experiência da aula com a caixa proposta pela professora quanto a caixa trazida pelos alunos demonstraram a potência de trocar a perspectiva em relação aos objetos cotidianos. Esses recursos, ao invés de reafirmar identidades fixas ou sentidos já dados, provocaram movimentos de imaginação, improvisação e singularização que atualizaram, em cada corpo, novas possibilidades de estar e de pensar a cena.

As práticas analisadas apontam para a necessidade de se cultivar, no espaço escolar, metodologias que favoreçam a abertura ao acaso e ao improviso. Costa (2010) reforça que a ética do improviso consiste justamente em assumir o risco da experimentação com consciência, permitindo que o presente seja potência, em vez de repetição do que já se conhece.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DE ARAÚJO, Róger Albernaz. Maquinações poéticas: uma aula, uma pesquisa, uma vida. *Paralelo 31*, v. 2, n. 15, p. 208, 10 dez. 2020.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. ***Notas sobre a experiência e o saber da experiência***. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20-28, 2002.
- COSTA, Luciano Bedin da. ***O Ritornelo em Deleuze – Guattari e as três éticas possíveis***. Porto Alegre: Sullina, 2010.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. ***Mil Platôs, vol. 1***. São Paulo: Editora 34, 1995.